

UM CIDADÃO DO AMOR E DA ESPERANÇA NO REINO DO NORTE (OSÉIAS)

Anízio Freire

Introdução

Como profeta do amor e da esperança, Oséias, cidadão de fé no Reino do Norte, recebe a palavra do Deus vivo, numa época de crise interna e externa. Vivendo nesse reino, ele vê que seu *país se prostituiu constantemente, afastando-se do Senhor* (1,2). Através de Oséias, cujo nome significa “salvador” ou “salvação”, o povo está sendo convocado para retornar ao seu Deus no direito (*mishpat*), na justiça (*tsedaqah*), na fidelidade (*'emet*) e no amor (*hesed*) (2,21-22; 12,7). Esse é o caminho pelo qual Israel precisa andar, porque é na fidelidade aos valores da aliança que ele mostra seu conhecimento de Deus. Sem esse conhecimento Israel se perderá para sempre, como veremos mais adiante.

No seu livro, o profeta busca mostrar a realidade concreta do país cujo povo e governantes estão mergulhados na prostituição através da corrupção moral, social e religiosa (4,1-3.4-19; 5,15-6,6; 8,4-7 etc.). Israel perdeu a sensibilidade. Sabendo que essa realidade não corresponde à vontade de Deus, Oséias denuncia tal situação mas tem uma mensagem nova em torno de exigências fundamentais como o direito, a justiça, a fidelidade e o amor.

Um outro aspecto que nos chama a atenção em Oséias é a sua relação profunda com Deus e seu povo. Essa relação é descrita com categorias do matrimônio (1-3), ou de paternidade e maternidade (11,1.2). A intenção do profeta é ajudar o povo a perceber o perigo do afastamento do projeto da aliança e do seu Deus que é vivo e livre.

Partindo do que está sendo dito aqui, queremos chegar ao capítulo 11 que encerra a segunda parte do livro de Oséias (4-11). Nosso estudo visa focalizar o capítulo 11 sem desarticulá-lo do conjunto do livro. Para isso nos propomos desenvolver esse trabalho em quatro partes: tempo e contexto, análise e comentário do texto, teologia do profeta e aplicação pastoral. E, em conclusão, queremos dizer que nossa esperança tem seu fundamento num Deus que é um com a gente, que é vivo, santo e livre, caminhando conosco como Emanuel libertador.

1. Tempo e contexto

O capítulo 11 de Oséias é uma meditação profunda em que ele expressa seu sentimento de amor por Deus e por seu povo. Ele medita o passado de seus antepassados, em vista do tempo presente em que está vivendo com um povo de cabeça dura, cada vez mais se afastando do Deus vivo (7,14). É por causa desse afastamento que Israel sofrerá conseqüências desastrosas (9,3; 2Rs 15,29).

1.1. Poder interno

A atividade profética de Oséias inicia-se durante o reinado de Jeroboão II, entre os anos 782 e 753 aC. São quase trinta anos de paz e prosperidade para uns, e para outros não. Ao lado dessa realidade de bem-estar político e econômico há, ao mesmo tempo, graves desigualdades sociais, luxo e exploração, confiança nos bens e corrupção de costumes. Isso faz com que Oséias levante sua voz contra a corrupção generalizada num país tão próspero e farto. Mas, mesmo com essa fartura, ele vê que “o povo não tem entendimento e caminha para a perdição” (4,14). Como Estado próspero, Israel é o último e grande reinado do Norte. Mas com a morte de Jeroboão II, começa a rápida decadência desse reino que mais tarde será esmagado pelo poderio militar da Assíria. É em meio a essa realidade que podemos entender a visão ética e moral de Amós e Oséias, que viveram na mesma época observando a doença da injustiça social, do sincretismo religioso, da idolatria e da confiança excessiva nos bens materiais.

Como profeta do amor e da esperança, Oséias exerce sua atividade no Reino do Norte, provavelmente em Samaria, por uns trinta anos (755-725 aC). Há quem afirme que seu ministério profético tenha se iniciado ainda na dinastia de Jeú, devido ao que é dito no título de seu livro: “Palavra do Senhor recebida por Oséias, filho de Beeri, durante os reinados de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias em Judá, e de Jeroboão, filho de Joás, em Israel” (1,1)¹. Durante esse tempo, a palavra de Oséias é uma “alavanca viva” que questiona os relacionamentos entre rei e povo, entre povo e sacerdotes e de todos eles com Deus.

Depois da morte de Jeroboão II, Israel vive numa tremenda decadência e instabilidade política, por causa das revoltas palacianas que revelam a fraqueza do poder interno. Dentro dessa realidade, Oséias presencia muitos conflitos políticos e assassinatos de reis. Por isso ele diz que “todos eles estão quentes como um forno, devoram seus governantes; todos os seus reis caíram” (7,7). A situação é de violência. Além dessa realidade interna, o profeta vive num momento em que seu país está na mira de ameaças externas: são as forças militares estrangeiras dos assírios, sob Teglath-Falasar III (745-727 aC) e seus sucessores. Está chegando o momento de Israel ver o seu fim historicamente.

Tendo vivido o auge de sua prosperidade econômica e política, agora Israel se vê num momento de perda de sua liberdade. As alianças políticas contra os assírios e sua infidelidade religiosa para com Deus (8,4-5) são as causas dessa perda. Nos últimos tempos, antes de sua destruição, a política internacional de Israel oscilava ora a favor da Assíria ora a favor do Egito (7,11; cf. 2Rs 15,19s.29). Essa instabilidade faz com que Israel se torne tributário do rei da Assíria e fique como um reino sem rei (cf. 2Rs 17,3-6).

1.2. Poder internacional

No tempo de sua missão profética, Oséias sabe que uma potência mundial e opressora está surgindo. Trata-se do poderio da Assíria que estava em pleno avanço.

1. Conforme a tradução da *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

Pois, a partir de 745 aC, os assírios realizam suas primeiras investidas militares contra seus próprios vizinhos. Em 738 aC, eles incorporam sob seu domínio a cidade-estado de Hamate, ao norte da Síria. Nos anos 734-732 aC, Teglat-Falasar III, criador do novo Império Assírio, organiza três campanhas militares contra a Síria que se alia com Israel. O resultado é que, em 733 aC, o reino de Damasco se torna província do Império Assírio. Um ano depois, em 732 aC, o Estado de Israel estava restrito às regiões montanhosas em torno de Samaria.

Com o advento de Salmanasar V, em 727-725 aC, o Israel reduzido à Samaria continua a insurgir-se contra a Assíria. Mas essa resistência só fez piorar a situação. Quem está internamente dividido não tem condição para externamente enfrentar e vencer o inimigo. É o caso de Israel. Assim, mais tarde, com a invasão e repressão violenta de Sargão II, o Reino do Norte deixa de existir em 722 aC. É nesse contexto que a situação sociopolítica e religiosa de Israel encontra-se bastante delicada (11,2.5-6).

Por esse tempo – e, provavelmente, em 724 aC – podemos situar o capítulo 11 de Oséias, exceto os versículos 10 e 11 que são do tempo pós-exílico, como veremos mais adiante. É nesse contexto global de violência e incertezas que o profeta Oséias reflete, teologicamente, a situação de seu povo condenado a desaparecer da história para sempre, como de fato aconteceu em 722 aC.

1.3. Realidade enfocada

No contexto dessa história, creio que o capítulo 11 de Oséias nos oferece indícios da realidade social, política e religiosa de Israel. No contexto do livro nota-se que a questão central é o problema religioso. Pois, a idolatria é o que mais pesa na fé profética. Sabemos que as alianças com outros povos tinham sempre implicações religiosas. Com essas alianças, a religião desses povos entrava facilmente em Israel e influenciava o comportamento dos sacerdotes e do próprio povo em geral (4,4-19). A consequência disso é que o povo já estava perdendo o conhecimento em relação ao seu Deus (4,6). A profecia de Oséias enfoca a vida do povo, desde a perspectiva da religião – que não estava ajudando o povo a ser livre e manter-se fiel ao Deus vivo libertador – até o âmbito da política nacional e internacional. Como Israel não se autocorrigue, em relação ao seu sincretismo religioso, não escapará da ameaça de deportação fatal (11,5).

1.4. Dimensão religiosa

Do ponto de vista religioso, Israel, como Estado tributário, abandonou o Deus vivo e passou a servir os deuses sem vida (11,2.7). Por sua vez, o povo vai enveredar pelo mesmo caminho em suas práticas religiosas voltadas aos ídolos (11,7). Nesse caminho, cultivar a Baal é perder os vínculos de amor e de amizade com o Deus vivo libertador. Isto faz com que, nas relações sociais com o próximo, não haja manifestação concreta de amor, de justiça, de fidelidade, e nem mesmo de conhecimento de Deus. Em vez de a religião fortalecer esses laços vitais entre as pessoas, ela faz com que o povo entre num processo de esquecimento de seu verdadeiro Deus que dá vida, liberdade e paz para todos.

A religião que enfraquece, coletivamente, a prática sócio-político-comunitária da fé de um povo não tem força para transformar a sociedade nem a história. Ela não passa de uma imaginação ilusória. Pois, na ótica profética, religião é vida existencial em amor, justiça, misericórdia e perdão. É nessa existencialidade concreta de amor, de justiça e fidelidade que Deus é conhecido. Nesse contexto, o profeta tem razão quando afirma que o povo está se perdendo por falta de um verdadeiro conhecimento do Deus vivo (4,6). Esse conhecimento vai se perdendo na medida em que o povo não se corrige de seus erros, isto é, de seus pecados de infidelidade, como denuncia o profeta (4,2.4.12-14.17-18; 5,3; 6,9-10; 7,1.5; 8,14; 10,1.4; 13,2).

Por que o sistema religioso de Israel não ajuda o povo a viver um relacionamento baseado no amor e na justiça? Certamente porque, na época do profeta, a religião tinha como forma e função legitimar o aparato estatal, alienar o povo e fazer aumentar a arrecadação de tributos. Quando Religião e Estado andam juntos, ambos se enriquecem pelo sistema tributário e a massa empobrecida fica cada vez mais esquecida em todos os níveis de sua vida. Historicamente sabemos que Religião e Estado não têm fortalecido, no povo, o senso vital de amor e de comunhão sem fronteiras; as brigas e divisões ainda hoje continuam. O indiferentismo religioso permanece vivo entre povos que constituem a humanidade. Essa realidade é um desafio à cidadania mundial. É urgente um espírito de comunhão e participação que integre os diversos valores vitais da sociedade humana.

1.5. Dimensão social

No nível social, a situação do povo da época de Oséias é de ruína. O sistema de corvéia e a tributação deixam o povo numa miséria vergonhosa. Voltado aos seus interesses, o Estado abandona o povo pobre e intensifica seu processo de exploração do trabalho, no campo e na cidade. Geralmente, em sua estrutura, o Estado carrega e mantém os mecanismos de opressão que empobrecem socialmente o povo. Observando a história de Israel, nenhum de seus reis chega a fazer opção pública pelos pobres. Não houve um rei que dissesse: vamos zerar a fome do nosso povo, porque sem ele não nos mantemos. Pelo contrário, era assim que se dizia: “se meu pai vos impôs pesado jugo, eu vos aumentarei a carga; meu pai vos castigou com açoites, eu vos castigarei com escorpões” (1Rs 12,14). Esta atitude não difere da atitude do faraó quando os israelitas, no Egito, reclamavam como escravos (cf. Ex 1,11-14). Embora a linguagem seja diferente, a postura mental e relacional de humilhação é a mesma. Ao longo de sua história, a mentalidade de Israel não mudou muito na forma de governar e administrar os bens sociais em vista da boa “sorte de meu povo” (7,1).

Perguntamos que eco tem o capítulo 11 de Oséias, num contexto como esse? Acredito que o pensamento do profeta é fazer suscitar no povo uma reflexão crítica sobre seu comportamento em relação à idolatria (11,2.7); é também, ao mesmo tempo, conscientizá-lo para reconhecer o jeito como o Deus vivo o tratou, historicamente, no seu passado de altos e baixos (11,1.3.4.8.9). Ainda imagino que esse texto tenha provocado certo conflito entre as duas correntes religiosas da época: o javismo e o baalis-

mo. Uma vez que a religião de Baal era legitimar o Estado opressor, a luta do profeta foi denunciar o que a religião javista ou baalista estava negando: o dom da vida e liberdade do povo explorado. Pois, religião sem amor não gera partilha nem comunhão. Em Israel, os profetas buscam resgatar o dom da comunhão que abre horizontes no caminho da esperança. Onde há comunhão há esperança vital.

1.6. *Em nosso tempo*

Vendo a nossa realidade atual, quanta coisa parecida com os tempos de Oséias e de outros profetas! Naquela época, a vida e o produto do trabalho do povo iam escoando da mão do trabalhador, tanto do campo como da cidade. O problema é que o povo explorado não percebia tal situação. Por quê? Porque o sistema de arrecadação se repetia no âmbito da realidade simbólica: a religião. A *eira* era um espaço próprio para isso. O mesmo acontece hoje através dos mecanismos do sistema econômico, político, social e religioso. Além disso, temos os meios de comunicação que alienam o povo, no seu processo de organização para uma cidadania vital. A verdadeira cidadania acontece, vitalmente, quando há comunhão e participação entre povo, estado e religião. Sem isso, todo o nosso sistema mental ideológico não passa de ilusão, se nossos relacionamentos diários não são modificados. Para isso é necessária uma educação transformadora orientada pelo princípio evangélico de que *tudo que é meu é teu, e o que é teu é meu* (cf. Jo 16,15; 17,10; Lc 15,31), e certamente nosso, porque tudo o que é de Deus é de todos. Cidadania é participação responsável pelo cultivo do bem comum e zelo pela natureza. Sem essa consciência não pode haver vida em abundância para todos. Hoje é urgente essa consciência de zelo pela natureza. Cidadania é um espírito participativo. A globalização sem consciência educativa gera insensibilidade ao meio ambiente. É o que acontece nas grandes festas de massa como, por exemplo, nos dias do “Recifolia”, quando foram coletadas 140 toneladas de lixo². A mentalidade consumista é um perigo ao equilíbrio ecológico. Preocupar-se com isso é cidadania.

2. **Análise e comentário do texto**

Percebemos que o texto é muito difícil para uma análise completa. Sentimo-nos limitados porque o texto hebraico apresenta uma série de problemas. Mas apresentamos o que é possível para percebermos o pensamento vital do profeta. Aliás, um texto é sempre um tecido de palavras, frases, idéias e símbolos em vista de uma comunicação eficaz, transformadora. Quem ouve quer entender e busca agir segundo essa compreensão. Esta é a nossa finalidade: compreender para crer e agir vitalmente.

Na opinião dos especialistas, o cap. 11 está bastante corrompido. Segundo Mejía³, o texto é um dos mais difíceis de Oséias porque foi freqüentemente corrigido, e, ainda quando é claro, se faz difícil uma interpretação. Mas acreditamos que é possível descobrir nele um projeto novo que anime nossa esperança.

2. Do noticiário da Rádio CBN, em 26 de janeiro de 2003.

3. Cf. *Una lectura del Profeta Oseas*. Buenos Aires: Patria Grande [Ediciones de la Facultad de Teología de la UCA].

2.1. Forma atual do texto hebraico

Observando o texto na sua forma atual, podemos fazer as seguintes observações quanto à crítica literária:

- 1) No v. 2, o Texto Massorético (TM) traz a expressão “longe deles” que se torna mais clara com os LXX, onde se propõe “longe de mim” (*hem mipanay*).
- 2) No v. 3, pelo TM temos “tomei-os nos braços”, mas lemos no Targum e na Peshitta: “tinha-os tomado nos meus braços” (*'eqahem 'al zerô 'otay*).
- 3) No v. 4, em vez de *'ol* (jugo) é preferível *'ul* (criança). Ainda no mesmo versículo, diz-se que é melhor *wa 'et* (e inclinei-me) em vez de *we 'at* (que eu incline).
- 4) No início do v. 5, em vez de *lo'* (não) leia-se *lô* (lhe).
- 5) No v. 6, em vez de *badayw* (seus ferrolhos), de acordo com o aparato crítico da Bíblia Hebraica, faz mais sentido *banayw* (seus filhos).
- 6) Com relação ao v. 7, é preciso ler *ba 'al* em lugar de *'al* (sobre ou no alto). O nome “*ba 'al*” parece ser o certo, mas talvez foi voluntariamente corrigido como em 7,16.

Além do que foi analisado, ressaltamos ainda a relação de alguns versículos entre si como por exemplo: o v. 2a liga-se ao 2b, 3b, 7a e 7b. Juntos parecem formar uma unidade de pensamento. O v. 3b amarra o 2a; já o v. 7 tem uma ligação direta com o 2a. Os v. 5 e 6 parecem ter uma lógica de pensamento.

2.2. O Texto⁴

- 1 Quando Israel era menino, eu o amei,
e do Egito chamei o meu filho.
- 2 Chamei-os e assim afastaram-se para longe de mim;
sacrificaram aos baals e queimaram incenso aos ídolos.
- 3 E eu ensinei Efraim a caminhar;
tinha-os tomado nos meus braços, mas não sabiam que eu os curava.
- 4 Com cordas humanas eu os agarrei, com laços de amor,
e fui para eles como os que levantam uma criança a seu rosto,
inclinei-me para ele e dei-lhe de comer.
- 5 Ele não voltará para a terra do Egito,
mas a Assíria será o seu rei, porque recusaram converter-se.

4. A nossa tradução é resultado de um estudo comparativo do Texto Massorético, em mutirão com outras traduções como a Tradução Ecumênica da Bíblia, a Bíblia de Jerusalém, a Bíblia Ave Maria e outras. Observamos que, em cada uma dessas traduções, encontramos notas explicativas falando sobre a dificuldade que o texto original apresenta.

6 A espada contorcerá nas cidades, destruirá seus filhos,
e os devorará por causa de seus planos.

7 Mas meu povo é inclinado a não voltar para mim,
invocam a Baal, mas este não os socorre.

8 Como poderia entregar-te, Efraim, abandonar-te, Israel?
Como poderia abandonar-te como Adama, tratar-te como Seboim?
Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas se comovem.

9 Não executarei o ardor da minha ira, não voltarei a destruir Efraim,
pois sou um Deus e não um homem; sou um santo no meio de ti,
e não virei com furor (em agitação).

10 Eles caminharão atrás do *Senhor*. Como um leão, ele rugirá;
e quando ele rugir, os filhos virão tremendo do Ocidente.

11 Virão tremendo do Egito como pássaro,
e como pomba da terra da Assíria;
eu os farei habitar em suas casas, declara o *Senhor*.

2.3. Estrutura do texto

O cap. 11 constitui uma unidade bastante entrelaçada e serve para concluir a segunda parte do livro de Oséias (4–11). Como unidade literária, o texto está bem delimitado pela nova referência histórica no v. 1 (9,10), e um novo começo no v. 8. Sua estrutura pode ser assim apresentada:

2.3.1. O amor desprezado: v. 1-7

Observamos que, na perícopre de 1-7, o tema central é o desprezo ao amor do *Senhor*. Os v. 5-6 constituem uma pequena unidade que serve para concluir o v. 7. Nessa pequena unidade enfoca-se o futuro exílio de Israel para a Assíria.

2.3.2. O perdão do Deus vivo: v. 8-9

Os v. 8-9 formam outra pequena unidade como os v. 10-11. Essa unidade de pensamento gira em torno do perdão do *Senhor*.

2.3.3. A volta do exílio: v. 10-11

Os v. 10-11 tratam do retorno de Israel em estado de tremor. A finalidade é habitar suas casas e nelas viver como servo do Deus libertador. Nota-se que o v. 1b começa falando do chamado e o v. 11a conclui com a mesma idéia. Ambos os versículos mostram que do Egito há uma partida.

Retomamos aqui o que se disse em relação à crítica textual: o v. 2a se torna ponto de convergência em relação a 2b, 3b, 7a e 7b. O v. 3 amarra o 2a. O v. 7 tem uma ligação direta com o 2a.

Esquematisando o que foi dito temos:

I) 2a, 2b, 3b, 7a, 7b

II) 2a, 7

2.4. *Gênero literário*

O texto é apresentado na forma de um *oráculo do Senhor* (v. 11b). Nele passa-se de uma descrição intensivamente vivida no passado, com reprovações, ao anúncio de castigo (v. 5-6). A descrição do passado serve também de reprovação, pelo que o oráculo não é muito diferente de outros de Oséias, onde da reprovação se passa à ameaça.

Observamos que o oráculo visa uma avaliação do passado do povo, em vista do presente que não está correspondendo com a vontade do *Senhor*, o Deus libertador, e projeta luz para um novo futuro (v. 11b).

2.5. *Divisão do texto*

Vimos que o cap. 11 de Oséias, além de sua estrutura, tem uma unidade lógica. Esta unidade pode ser dividida em duas possibilidades com temas interessantes.

Primeira possibilidade:

- a) os v. 1-7, onde se faz presente o tema do amor de Deus não correspondido por Israel (v. 2-3.5.7);
- b) os v. 8-11, que apresentam os sentimentos amorosos do Deus vivo para com o seu povo ingrato.

Segunda possibilidade:

- a) v. 1-2: tratam do amor do Deus vivo e do afastamento de Israel como povo ingrato, mas amado por seu Deus.
- b) v. 3-4: expressam o amor do Deus libertador não correspondido.
- c) v. 5-6: apresentam a ameaça do castigo cuja causa está no versículo 7.
- d) v. 7-9: manifestam o perdão do *Senhor* ao povo infiel.
- e) v. 10-11: falam do retorno de Israel ao seu Deus libertador.

2.6. *Comentário de cada porção da palavra*

Na divisão acima, as duas possibilidades são sugestivas. Ambas enfocam o amor de Deus pelo seu povo e a infidelidade do povo para com o seu Deus. Isso estimulou-nos a levantar temas para cada v. que começa agora a ser chamado de “porção”⁵ do texto. Cada v. é uma porção da palavra de Deus que vitaliza nossa mente e nosso coração.

5. Faço uso aqui da palavra “porção”, porque ela é sugestiva no sentido de mastigarmos “o pão da Palavra” que, em pequenos pedaços vitais, torna-se alimento mental que vitaliza nosso espírito.

2.6.1. Um menino amado

v. 1 *Quando Israel era menino, eu o amei,
e do Egito chamei o meu filho.*

Neste primeiro versículo ou porção da Palavra, o profeta Oséias apresenta Israel como filho de Deus. Filho este que nasce do chão da opressão. Trata-se de um menino amado por seu Criador. Era um menino frágil e desfigurado, mas nele Deus confiava. Para o profeta, o Egito é a casa do parto e o menino amado é chamado a nascer no amor do *Senhor*. Essa porção nos chama a atenção para um acontecimento importante: o êxodo. Por várias vezes, esse acontecimento é lembrado pelo profeta porque Israel, saindo do Egito (2,17; 9,10; 12,10; 13,4), precisa responder vitalmente, em sua vocação de filho, ao Deus que o ama apaixonadamente.

O êxodo representa o tempo ideal das relações entre Deus e Israel como tempo de noivado. Para falar do acontecimento libertador, Oséias depende da tradição antiga de Israel. Tomando essa tradição, ele a interpreta a seu modo. Ele desenvolve uma teologia própria acentuando a afetividade de Deus e sua relação amorosa para com Israel, seu filho amado. Temos aqui o primeiro testemunho sobre o amor de Deus para com seu povo Israel. A causa desse amor é a eleição de Israel, o escolhido por Deus entre as nações (cf. Dt 7,6).

O ensinamento sobre Israel, como povo eleito de Deus, foi bastante desenvolvido na teologia deuteronomista (cf. Dt 4,37; 7,6-7; 10,15). A noção de Israel como “filho” de Deus aparece no Êxodo onde o Senhor diz: “Israel é meu filho primogênito, e eu te ordeno que deixes meu filho sair, para que me sirva” (Ex 4,22s; cf. Dt 1,31; 8,5). Citando Wolf, Mejía acentua que “a origem desta noção pode ser estudada no contexto teológico do Antigo Médio Oriente, mas não é necessário concluir que Oséias manifesta desta maneira algum tipo de dependência com a religião cananéia, ainda que seja com a máxima liberdade. Ele depende de sua tradição israelita”⁶.

O que importa é que a fé criativa do profeta faz de seu próprio povo um povo amado por Deus, desde suas origens. O mesmo podemos dizer em relação ao povo do Brasil que, desde o seu nascimento de uma mistura de raças, foi, ao longo de cinco séculos, se preparando para um tempo de esperança sem medo. O povo do Brasil é também um povo amado por Deus, e assim toda a humanidade.

2.6.2. Chamado de Deus e afastamento do povo

v. 2 *Chamei-os e assim afastaram-se para longe de mim;
sacrificaram aos baals e queimaram incenso ao ídolos.*

Nesta porção, o profeta inicia seu pensamento acentuando o chamado que Deus faz a seu povo no versículo primeiro. Esse chamado se repete no Sinai e em Canaã; em ambos os lugares o povo é rebelde. Por isso, a tônica aqui é o afastamento do povo em relação ao Deus vivo. Esse afastamento revela-se no culto a Baal. Confirma-se então

6. Cf. *Una lectura del Profeta Oseas*, na bibliografia consultada.

que a história de Israel é uma história de infidelidade ao Deus libertador. Ao cultuar outros deuses, o povo de Israel deixa no esquecimento o Deus livre e vivo. Essa idéia, o profeta já a tinha confirmado quando diz que “Israel esqueceu aquele que o fez” (8,14). Isto se expressa através da multiplicação de altares aos ídolos que alienam o povo em geral (8,11). Este é o erro ou o pecado de Israel. Para o profeta, a história de Israel, desde o princípio, está comprometida com o pecado da idolatria. Isto tem como consequência o abandono do Deus vivo (4,10b; 8,11b).

Ao oferecer sacrifícios a Baal e queimar incenso aos ídolos, Israel está se corrompendo e perdendo sua liberdade e dignidade de “filho” de Deus e povo escolhido. Assim, na medida em que o povo se dedica a tais práticas, está revelando seu distanciamento da filiação divina. É impressionante que, mesmo que o povo se comporte dessa maneira, o Deus vivo e livre mantém seu amor para com ele (v. 4). Esse é o jeito vital de o Deus vivo e livre educar seu povo na história, conforme diz a Escritura: “O Senhor teu Deus te educou como um pai educa seu filho” (Dt 8,5). O princípio dessa educação é o temor ao Deus vivo. Quem teme a esse Deus não oprime, não explora nem mata seu semelhante como próximo e irmão de fé. Em todos os tempos, o temor a Deus precisa ser resgatado, não no sentido de medo, mas como sentimento religioso de respeito, amor e afeto em nosso relacionamento cotidiano.

2.6.3. Um povo educado por Deus é livre, vivo e sábio

v. 3 *E eu ensinei Efraim a caminhar;
tinha-os tomado nos meus braços, mas não sabiam que eu os curava.*

Aqui se volta ao passado anterior. Fala-se do tempo de Israel no deserto (cf. Ex 15,22; 16,1; 17,1; Ez 20,10). Neste lugar de passagem, o povo é educado por Deus “como um homem educa seu filho” (Dt 8,5); é instruído para ter mais vida e vigor (cf. Lv 18,5; Ez 20,11). Para Oséias, desde o princípio, é o Deus vivo que está sempre ensinando Israel a caminhar, e toma-o em seus braços (cf. Dt 1,31; 32,11) para que o “menino” se firme na vida e torne-se um povo livre, vivo e sábio.

Volta-se, então, à imagem da criança indefesa que necessita de “cuidado”. Nessa porção, a imagem do médico se faz bem presente. Essa imagem ocorre outras vezes na mente do profeta Oséias (5,13; 6,1; 7,1; 14,5). Os especialistas dizem que o verbo *rafa*’ significa “curar”, “pôr remédio”. Sugere que o “cuidado” é solicitado por alguém que está doente ou ferido. É usado também para designar a libertação de perigos políticos (7,1). Certamente, no pensamento do profeta trata-se da situação de Israel ferido, humilhado no Egito; e, no deserto, o povo teve que experimentar o desafio da “dor”, da sede e da fome (cf. Ex 15,22-27; 16,1–17,7). Deus, porém, não o abandonou porque eterno é o seu amor (cf. Sl 136). Nisto consiste o poder maravilhoso de Deus, cuja ação supera o poder e o saber do ser humano: homem/mulher que se fecha em seu conhecimento.

Em virtude de sua percepção, Oséias transforma a linguagem tradicional do êxodo com fortes traços de afetividade. Ao dizer: *não sabiam que os curava*, o profeta acentua novamente a infidelidade de Israel como vimos no v. 2. Se não sabiam, certamente é porque se fecham num tipo de conhecimento que atrofia o coração. Um cora-

ção atrofiado por qualquer ideologia, seja política, social ou religiosa, jamais pode amar vitalmente. Deus nos cura para que tenhamos vida plenamente. Seu remédio vital é o amor.

2.6.4. O amor de Deus por Israel

v. 4 Com cordas humanas eu os agarrei, com laços de amor, e fui para eles como os que levantam uma criança a seu rosto, inclinei-me para ele e dei-lhe de comer.

Partindo do v. 3 e agora no v. 4, temos um desenvolvimento de imagens do amor paternal e maternal do Deus vivo para com Israel. Que porção maravilhosa vamos mastigar agora! O profeta acentua a expressão máxima de amor que Deus manifesta para com o Israel ingrato e escravo do pecado. Este pecado é erro não corrigido no passado que afeta o presente. O ontem de nossas ações e reações está sempre influenciando o nosso agir diário. Se esse passado não é corrigido hoje, ele permanecerá atropelando o nosso presente, sobretudo no campo de nossas relações uns com os outros. Foi o que aconteceu com Israel e ainda acontece hoje com a gente. Para que isso não venha a se repetir, precisamos voltar sempre ao Eternamente Vida, que nos agarra com amor sem fronteiras.

Mastigando mais o pensamento sábio de Oséias, se Deus “agarra” seu povo “com cordas humanas”, os termos parecem acentuar a idéia de resgate (cf. Dt 7,8b; Mq 6,4). A expressão “cordas humanas” pode ser entendida como laços de amor que Deus tem para com Israel; ao mesmo tempo, parece opor-se a cordas não-humanas, isto é, a cordas utilizadas para arrastar animais ou carros como afirma um profeta, cidadão de Jerusalém: “Ai dos que se agarram à iniquidade, arrastando-a com cordas de boi e o pecado com os tirantes de carro” (Is 5,18).

Colocando em paralelismo *'dm* e *'hbh*, estaria dizendo que o amor arrasta e segura o homem. As relações com o Deus vivo são as que correspondem às relações entre as pessoas e estão assinaladas pelos laços de amor entre pai e filho (cf. 2Sm 7,14). O texto apresenta dificuldades. Por exemplo, o TM introduz a imagem do animal submetido ao jugo (*'ol*), mas a imagem da criança harmoniza-se melhor com o contexto. Pois, com a expressão “levantar a criança até o rosto”, Oséias quer ressaltar o amor afetivo de Deus para com Israel, na sua fase de “infância”. E quando Deus inclina-se para seu filho, para dar-lhe de comer, é uma alusão clara à situação do povo no deserto passando fome (cf. Ex 16,4-16). Note-se que o amor que Deus tem por Israel é muito bonito e impressionante. Assim, ligado a esse amor, Israel não poderia voltar mais ao Egito onde historicamente foi humilhado.

2.6.5. Sem conversão não há libertação

v. 5 Ele não voltará para a terra do Egito, mas a Assíria será o seu rei, porque recusaram converter-se.

Após ter descrito o amor de Deus para com seu povo, nesta porção, o profeta insiste na infidelidade de Israel em relação à aliança. Eis o pecado de Israel! Agora começa o

anúncio de ameaça ou castigo ao Israel infiel. Permanecendo obstinado, esse povo está ameaçado de retornar à terra do cativo, tanto para o Egito como para a Assíria. Oséias deixa claro que a causa dessa volta é a falta de conversão ao Deus vivo. Sem mudança de mentalidade, Israel não encontra sua liberdade. O retorno ao Egito, como castigo, está em antítese com o que se afirma no primeiro versículo: “E do Egito chamei o meu filho”. Aqui o sentido do chamado é de libertação. Essa porção caracteriza-se por um duplo emprego do verbo *shuv*: primeiro no sentido de retorno geográfico – ao Egito; segundo, no sentido teológico de *converter-se*, de *voltar-se* para o Deus libertador.

Há quem diga que é provável haver paranomásia também entre *Assur* (Assíria) e *lashuv* (converter-se). Assim o profeta deixa claro que a Assíria dominará Israel (será o seu rei), porque esse rejeita o *Senhor* seu Deus. Se Israel voltasse ao Egito, isto significaria uma inversão de sua história de salvação e libertação com o seu Deus vivo e livre. Mas o Deus libertador não quer anular essa história. Mesmo que esteja submisso a outra potência dominadora, Israel continuará sendo o preferido do coração de Deus. Israel tem uma chance, porque o seu Deus se volta para ele com um coração em misericórdia (v. 8). Sem conversão o povo da Aliança perde sua liberdade; sem auto-educação o povo de hoje perde também sua dignidade. Onde há auto-educação há espírito de cidadania que gera responsabilidade no uso dos bens da criação. Esse espírito se fortalece pela correção constante de nossos erros de ontem que, se não forem corrigidos hoje, ameaçarão o futuro vital que está sempre chegando no agora dinâmico.

2.6.6. Os planos de Israel fracassam

v. 6 *A espada contorcerá nas cidades, destruirá seus filhos,
e os devorará por causa de seus planos.*

Se Israel não modifica sua conduta, seu próprio destino é a espada do inimigo que virá destruir suas moradias. Parece que não há outra saída, não há escapatória: ou Israel se volta para o seu Deus ou morre na ponta da espada, certamente por causa do seu pecado (v. 2.7b). A imagem de guerra está muito viva quando o profeta diz que *a espada contorcerá nas cidades*. Isto faz lembrar a época de ocupação estrangeira desde 734 aC, quando Teglath-Falasar III, rei da Assíria, se apoderou da Galiléia; também pode ser uma referência à expedição punitiva de Salmanasar V, entre os anos 724-722 aC, a qual é descrita por um dos profetas como um furacão: “Eis uma tempestade do Senhor, seu furor se desencadeia, uma tempestade esbraveja, irrompe sobre a cabeça dos ímpios” (Jr 23,19).

Observamos que essa porção do texto apresenta uma série de dificuldades. Comentando sobre Oséias, Alonso Schökel faz a seguinte observação dizendo que “conservando o texto massorético *mm šwtyhm*, notamos o *min* como causal e *m šwt* com valor depreciativo: ‘por causa de seus planos’; outros corrigem e lêem *mšwdwtw* = baluartes, paralelo de ‘cidades’”. Aqui, uma palavra que é difícil de explicar é *bad*. Literalmente ela significa “barra”, “trave”. Observando o contexto, essa palavra pode designar pessoas que gozam de autoridade junto ao povo. Mas é clara a hipótese de que *banayw* está significando “filhos seus”.

A terceira frase do versículo fala sobre a destruição em relação a *seus planos* que certamente Israel idealizou. É bem provável que o profeta esteja se referindo às alianças políticas da época. Ora, se Israel quebrou sua aliança com o Deus vivo, agora ele recebe o “troco” de seu comportamento histórico. Existe alguma esperança para Israel? Existe sim, contanto que ele não feche seu coração no hoje eterno da existência. Assim, profeticamente diz o salmista: “Ouçam hoje a voz de Deus e não endureçam seus corações como aconteceu quando seus antepassados me provocaram e me tentaram, mesmo vendo as minhas obras” (Sl 95,7-9).

Quem se fecha não aprende com Deus nem com ninguém. Não estou me referindo a uma aprendizagem como acúmulo de conhecimento, mas a uma nova maneira de ouvir para aprender e viver colaborando para que o bem comum seja usufruído por todos. Se os planos de Israel fracassam, certamente é porque lhe faltou o conhecimento de Deus que viabiliza vida e paz para todo o povo. Qualquer plano social, por melhor que seja, se fica simplesmente no papel, será uma decepção desastrosa para quem acredita no bem comum, tão vital e importante para todos.

2.6.7. Sem o Deus vivo em sua vida Israel não é nada

v. 7 Mas meu povo é inclinado a não voltar para mim, invocam a Baal, mas este não os socorre.

Observemos que esta porção tem relação direta com o v. 2. O que se acusa aqui, como lá, é o culto aos ídolos. Para Oséias, a idolatria é a causa da destruição de Israel. O afastamento de Israel não é só religioso, mas também político (8,13; 9,3). Para onde quer que vá, Israel não tem quem o socorra. Nem mesmo Baal poderá ajudá-lo a se “levantar” de sua queda. Nenhum socorro Baal tem para o povo ferido. Só o Deus vivo tem o remédio vital que pode “curar” a ferida de seu povo (v. 3). Esse remédio chama-se amor ou castigo educativo. Na ótica profética, nenhum ídolo pode salvar a Israel (cf. Jr 2,28; Dt 32,37-38). A apostasia de Israel faz com que ele desapareça do palco da história como aconteceu em 722 aC. É interessante que Deus confirma a natureza da mente de Israel: um povo inclinado a afastar-se dele. Isso revela que Israel perdeu a intimidade com sua Fonte vital e eterna. Separado dessa Fonte, o destino do povo eleito será fatal, porque idolatria é crença mental. Todo sistema de crença cega. Por isso é que muitos têm olhos mas não vêem. Percebendo essa realidade, Jesus diz claramente que veio “para que os cegos vejam e os que vêem fiquem cegos” (Jo 9,39; cf. Mc 4,12). Esta é uma realidade concreta. Não adianta termos olhos, se nosso coração está cego e insensível aos problemas da humanidade próxima e distante de nós.

Penetrando mais no texto, encontramos mais dificuldades. O problema é que, textualmente, esse versículo está bastante corrompido e incompreensível. As traduções são diversas. Na opinião dos especialistas, a questão central aqui é a apostasia de Israel. Pois, este nunca foi fiel ao seu Deus. Historicamente, ele viveu praticando cultos naturalistas, nos quais os fiéis dessa religião invocam a Baal, “como deus da tempestade e senhor do tempo atmosférico”⁷, o qual, com seu poder, transmitia fecundida-

7. McKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 100.

de à terra. Para o povo cananeu sua divindade é poderosa e vital porque, através da união sexual entre Baal e sua esposa, representados por um sacerdote e uma sacerdotisa, bem como através da união sexual dos fiéis com sua deusa, representada pelas prostitutas sagradas, esses fiéis participavam do poder divino da fecundidade⁸. Para o profeta, esse caminho é a perdição de Israel.

A expressão “meu povo” contrasta aqui com o carinho que Deus manifesta nos v. 1.3 e 4. Podemos concluir que o culto aos ídolos faz com que Israel perca sua identidade, liberdade e filiação divina. A idéia de que os deuses não socorrem Israel é uma constante na mente profética. Sem o Deus vivo em sua vida, Israel não é nada; sem esse mesmo Deus em nossa vida hoje, também não somos nada. Pois a proliferação de divindades de ontem está presente no tempo e nos cultos de hoje. A proliferação de cultos é também a proliferação de divindades ontem e hoje. Um maior conhecimento se faz necessário sobre a natureza de nossos cultos. Quem celebra a vida não tem necessidade de um culto formal, abiótico, mas de um culto relacional e vital onde o Deus vivo pode ser reconhecido e adorado em espírito e verdade (cf. Jo 4,23-24).

2.6.8. A compaixão do Deus vivo

*v. 8 Como poderia entregar-te, Efraim, abandonar-te, Israel?
Como poderia abandonar-te como Adama, tratar-te como Seboim?
Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas se comovem.*

Estamos aqui diante de um diálogo entre Deus e Israel. Notemos que, em relação aos versículos 2.3b.5-7, houve uma mudança inesperada. Através desse diálogo positivo, Deus se convence de que não pode destruir “o filho” de seu coração. Essa porção do pensamento de Oséias manifesta, com toda clareza, a infinita misericórdia do Deus vivo e livre para com seu povo. Revela ainda a plena sensibilidade divina que ultrapassa toda compreensão humana. Todo o ser de Deus se contorce, estremece de comoção pelo bem de seu povo. Que maravilha de visão teológica! Pois, apesar da infidelidade de Israel, Deus não quer destruir seu povo predileto, não deseja abandoná-lo nas mãos do inimigo como fez com as cidades Sodoma e Gomorra, Adama, Seboim e Zoar situadas ao sul do Mar Morto. As duas cidades “Adama” e “Seboim” são mencionadas ao lado das cidades malditas Sodoma e Gomorra, que foram castigadas por Deus (cf. Gn 19,24-25; Dt 29,22).

Para Oséias, Efraim/Israel não é destruído pelo inimigo, como aconteceu com Adama e Seboim, por causa do sentimento de compaixão do Deus vivo. Este sentimento está bem expresso quando Deus diz que “meu coração se contorce dentro de mim”. Eis uma grande manifestação da misericórdia de Deus revelando-se como um Deus-mãe que protege, ampara e zela seu filho indefeso. Essa atitude de Deus para com seu povo é impressionante. O que se percebe tanto nesse versículo como no v. 9 é uma espécie de conversão de Deus, cujo coração não se deixa levar pelo ardor de sua ira (v. 9; 8,14b; cf. Am 2,5). Mesmo sentindo a ingratidão de Israel, Deus permanece

8. *Idem*, p. 100.

amando porque ele mesmo é amor. Para o profeta Oséias, Deus é amor (v. 4; 14,4b; 2,21); sua humanidade é sem limites. Nele o povo tem vida e liberdade. Quem ama não reserva nenhum sentimento de indiferença para com ninguém. O amor é eternamente libertador. É a compaixão do Deus vivo que salva e liberta Israel.

2.6.9. A santidade humanizadora de Deus

v. 9 *Não executarei o ardor da minha ira, não voltarei a destruir Efraim, pois sou um Deus e não um homem; sou um santo no meio de ti, e não virei com furor (em agitação).*

Esta porção do pensamento profético é belíssima. Nela transparece o modo santo do agir histórico do Deus vivo e livre, ao longo da caminhada infiel de Israel. Esse Deus vivo, santo e livre é impressionante porque, mesmo conhecendo a infidelidade de seu filho tirado do Egito, torna-se dele um parceiro fiel.

Estamos diante de um pensamento que contém uma grande promessa para Israel: agora ele não será mais destruído pelo *ardor* da ira do Deus vivo, santo e livre. A decisão de não executar sua ira ardente quer dizer que Deus não tem mais vontade de fazer cair sobre seu povo o castigo por ele merecido. Entretanto, historicamente o povo foi castigado não por vontade explícita de Deus, mas pelo comportamento do próprio Israel. Deus só age em sua ira quando tem que castigar para educar. O castigo divino é ação educadora para o destino feliz de seu povo. O desejo mais profundo de Deus é agir movido pela compaixão. Nota-se que, sendo santo, vivo e livre, Deus não age por impulso cego, irracional, como acontece entre os seres humanos. Deus é livre e age na plenitude de sua liberdade.

É interessante que Efraim não é destruído porque o *coração* de Deus e sua compaixão o impedem de fazer isso (v. 8). A sensibilidade de Deus é tanta que nela se reflete sua santidade humanizadora. Por que Deus é assim? Certamente, porque Deus é amor. Esta é a razão que faz Deus não se negar a Israel. Quem é amor e ama, nunca se nega. Esse é o jeito eterno do Deus de Israel que se torna famoso entre os povos da terra. Por ser o Amor em plenitude, Deus nunca nega seu ser-amor a nenhum povo.

Um aspecto importante que aparece nessa porção é o da santidade de Deus. Ele é *o Santo* no meio do povo e, por ser santo, não age vulneravelmente como um ser humano. Oséias deixa clara esta distinção entre o Deus vivo e o ser homem: homem/mulher. Deus é Deus na essência de seu Ser imensurável; enquanto que o ser humano é limitado com seus pensamentos e sentimentos que geram comportamentos diversos na história. Deus é Deus e não *um homem*, isto é, Deus não está submetido às limitações e compromissos humanos, inclusive ao sentimento de vingança cega. Este sentimento pertence ao ser humano, mas a Deus pertence a santidade. Ele mesmo faz questão que esse ser humano seja santo como ele É, eternamente (cf. Lv 19,2b). Não sendo homem, mas Deus, na sua santidade ele está acima de tudo. Não há entre os dois uma medida comum, porque Deus é santo e não está submetido às paixões como os seres humanos: mulheres/homens. Em sua suprema liberdade, Deus decide o que deve ou não deve fazer, ainda que possa ser contrário à justiça. Nessa porção, o profeta assinala, ao

mesmo tempo, a transcendência e a imanência de Deus na história de seu povo. A mensagem da santidade de Deus é proclamada também por um outro profeta que diz: “Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos Exércitos” (Is 6,3). Quem caminha com o Deus vivo, santo e livre é humanizado pela sua santidade no hoje eterno da existência.

2.6.10. Quem se volta para Deus tem vida e liberdade

v. 10 *Eles caminharão atrás do Senhor. Como um leão, ele rugirá; e quando ele rugir, os filhos virão tremendo do Ocidente.*

No contexto do cap. 11 de Oséias, os v. 10 e 11 são vistos como um enxerto pós-exílico. Alguns críticos consideram-nos inautênticos por causa das dificuldades, tanto na diferença formal quanto na lingüística. Pois o contexto do v. 10 parece ser uma alusão ao regresso do exílio, no século VI, e lembra os oráculos do Dêutero-Isaias. Outros acham que esses dois versículos são realmente autênticos. O que se percebe é que eles acentuam uma novidade importante: há um retorno para o Deus vivo. Este retorno é condição indispensável para que o povo da Aliança possa *habitar em suas casas* (v. 11) com tranqüilidade.

Penetrando mais nessa porção que fala sobre aqueles que “caminharão atrás do Senhor”, nota-se que no modo de falar de Deus (na terceira pessoa) e do povo (sujeito de quem se fala) houve uma mudança. O sujeito “*filhos*” que vem depois, na segunda parte do versículo, pode ser “os filhos de Judá e os filhos de Israel” (2,2) que foram levados para diversas regiões como castigo de suas faltas. Agora, esses filhos *voltam tremendo* através do chamado divino que provoca neles a conversão. Sem conversão não há libertação. Esse chamado pode ser simbolizado pelo *leão que ruge*. Este é um tema característico do profeta Amós quando ele diz que “o Senhor rugirá de Sião” (Am 1,2; 3,4.8). Uma vez que a voz do Deus vivo não é escutada quando ele fala, agora, com o rugir do leão que causa forte impacto, os filhos que tremem e voltam para o seu Deus terão vida e liberdade. Acho que aqui Oséias desenvolve o tema do seguimento do Deus vivo libertador. Este seguimento consiste na atitude de viver o projeto vital da aliança baseado na justiça, na misericórdia e na fidelidade (cf. Mt 23,33). Este princípio ternário da fé bíblica nos move para Deus e para os nossos semelhantes. E quem assim se volta para ele tem paz, vida e liberdade.

2.6.11. A esperança de um profeta apaixonado por Deus e pelo seu povo

v. 11 *Virão tremendo do Egito como pássaro, e como pomba da terra da Assíria; eu os farei habitar em suas casas, declara o Senhor.*

Aqui o profeta descreve o retorno de Israel tanto do Egito quanto da Assíria. Essa porção final desse capítulo está interligada ao versículo anterior. Trata-se da grande volta desde o Egito e de outros países, para os quais os israelitas foram deportados em tempos anteriores (cf. 2Rs 17,5-6; 18,9-11). Agora, superada a ira de Deus, eles retornam com rapidez às suas terras. A idéia de “*rapidez*” parece estar simbolizada nas aves: *pássaro* e *pomba*. De uma vida *errante entre as nações* (9,17b), o povo retorna para *habitar em suas casas*, graças à paciência e compaixão do Deus vivo e livre.

Podemos observar que a frase “farei habitar em suas casas” indica o ideal do tribalismo, tempo em que as diversas tribos israelitas procuravam viver o projeto do Deus vivo, num estilo de vida baseado na cooperação mútua. A meu ver, aqui está o novo projeto histórico que o Deus vivo quer para seu povo: segurança e paz na terra da abundância (cf. Dt 26,8-9). Tal projeto é o sonho vital do profeta que inspira ânimo em tempo de instabilidade. Historicamente, essa foi a experiência de Israel desde “menino” quando saiu do Egito, até sua vida como “adulto” dentro e fora de sua pátria.

No final desse capítulo queremos confirmar que nele está o amor e a esperança de um profeta apaixonado por Deus e pelo seu povo (1-3; 11; 14,6-8). Para mim, a paixão do profeta é a paixão de Deus e vice-versa. A expressão *declaração do Senhor* é alheia ao livro do profeta Oséias. Parece marcar o final da segunda parte do livro. Em todo caso, é uma afirmação de peso que expressa credibilidade ao que está sendo dito da parte do *Senhor*, para que o povo aprenda que a voz de Deus é uma voz de vida e de esperança para todos os povos de ontem e de hoje. Nessa esperança queremos juntos caminhar, queremos juntos construir uma nova sociedade onde o tudo da criação de Deus seja dom para a vida de todos.

3. Teologia do profeta

O cap. 11 de Oséias é, pelo seu conteúdo teológico, um dos mais lindos e profundos do Primeiro Testamento. Nele o profeta desenvolve uma teologia própria e pessoal. De olhos abertos para o mundo de seu tempo, ele reinterpreta a história da salvação à luz das tradições antigas de seu povo.

A memória do êxodo está muito viva e presente na sua mente. O profeta revela vitalmente a presença do amor de Deus no passado, presente e futuro de Israel. Trata-se de um pensamento dinâmico e esperançoso. Em seu livro, Oséias é o único profeta que fala explicitamente sobre o evento do êxodo (2,17; 11,1; 12,10; 13,4).

Partindo do passado de seu povo, o profeta apresenta uma nova teologia: a teologia do amor de Deus; de um Deus realmente apaixonado. E, a partir dessa teologia, ele projeta uma nova esperança para o futuro de seu povo sofrido (11,11). Caminhando na esperança, é necessário que esse povo preste atenção ao caminho por onde anda, porque há sempre um futuro aberto (cf. Jr 31,17.21). Futuro aberto é esperança em andamento no tempo presente. O Deus do profeta Oséias é um Deus de amor que age eternamente no presente. Sua ternura se mostra até nas medidas punitivas contra Israel (7,13a; 8,8; 9,7; 11,5.6; 13,3.8.13). Deus age assim para que ele se auto-eduque no caminho do amor e da justiça.

No horizonte profético de Oséias, *os filhos do Deus vivo* – Israel e Judá (2,1-2) – são chamados para caminhar na fidelidade a esse Deus que é amor, justiça e misericórdia. Israel segue seu Deus quando caminha humildemente com ele (Mq 6,8); isto significa que, na prática jurídica, não é permitido fazer acepção de pessoas no julgamento (cf. Dt 1,17), especialmente com relação aos pobres (cf. Lv 19,15). Assim, abençoado o povo que mantém, dentro de sua cultura, o temor a um Deus que não discrimina ninguém na história! Para isso, todos os povos ainda precisam aprender que somos verdadeira humanidade quando amamos solidariamente uns aos outros sem fronteiras.

O tema do amor ao Deus vivo, por parte de Israel, ocupa o primeiro lugar na meditação do nosso profeta. É através desse amor que Oséias explica as relações de Deus com Israel. Este é o filho liberto do Egito (11,1) e cidadão de uma nova realidade. Agora, a libertação do Egito passa a ser uma história de nascimento.

Notemos que a reprovação e a ameaça em 11,5-6 tem um caráter de lamentação, mas o objetivo é conseguir por esta via a conversão do filho ingrato, rebelde e infiel. É importante acentuarmos que a mensagem central de Oséias é revelar que Deus é amor. Por isso ele é vivo, santo e livre no meio do povo. Se o povo esquece que seu Deus é vivo, santo e livre, nunca poderá experimentar o sabor da liberdade e, muito menos, a qualidade de cidadão livre na história.

Mesmo que Deus tenha que castigar Israel pelo seu pecado, o castigo visa educar o próprio povo na sua caminhada de infidelidade. O pecado principal que Oséias denuncia a respeito de Israel é a sua infidelidade a Deus. Israel precisa corrigir-se constantemente; precisa mudar seu comportamento voltado aos ídolos e adotar um novo comportamento baseado no amor, na justiça e na misericórdia. É exatamente isso que o Deus vivo exige de seu filho Israel (12,7; cf. Mq 6,8). Sem a vivência existencial do amor, da justiça e da misericórdia não há futuro para Israel nem para nós também.

O castigo que o Deus vivo dá a Israel é um ato vital de correção educadora. Esse ato provoca revisão de vida para uma verdadeira conversão que leva à vida em plenitude. Deus não visa em primeiro plano a destruição de seu povo; esta é consequência de um comportamento obstinado. O profeta tem consciência de que o Deus vivo que se faz presente no meio do povo não é *um homem*, mas *um Deus santo* que salva e liberta seu povo para que possa viver bem, ao longo de seus dias na terra da fartura. Pois é no amor terno e eterno do Deus vivo que está a salvação de Israel e a nossa também no hoje da existência.

Um outro tema básico que sobressai em Oséias é o da santidade de Deus. Trata-se de uma santidade que não revela um caráter terrificante. Em Oséias a santidade de Deus se exprime em termos de amor, compaixão e carinho. É uma santidade afetuosa que se manifesta na paciência, na bondade e no perdão total (11,8). O mistério da natureza de Deus se explica e se define, aqui, pelo amor imensurável que ele tem para com os seres humanos. Os elementos para essa afirmação estão na própria vida do profeta (Os 1-3). A experiência de fé e de vida que ele tem faz com que expresse sua visão de Deus, em termos de amor e de ternura (2,21). Assim fica claro que o Deus do profeta Oséias é um Deus de amor e de esperança. Por ele o povo israelita pode *habitar em suas casas* (11,11) com segurança e tranquilidade.

4. Aplicação pastoral

Penso que o livro do profeta Oséias é muito importante para ser lido, meditado e aprofundado nas comunidades e nos grupos bíblicos. Por que esse livro tem valor importante? Certamente porque nos mostra uma realidade que tem muito a ver com a nossa no aspecto econômico, social, político e religioso. Acredito que o livro de Oséias pode despertar no povo das comunidades uma consciência crítica sobre esses aspectos mencionados e, sobretudo, pode ajudar a evoluir para uma nova visão de um Deus conosco, que quer ser santo e humano caminhando com a gente.

Mesmo que o livro apresente certos textos obscuros, hoje temos uma variedade de traduções que fornecem informações esclarecedoras. Além disso, podemos selecionar algumas unidades temáticas e organizá-las em pequenos roteiros, para que os grupos possam estudar e aprofundar seus conhecimentos sobre o Deus vivo de Oséias e de outros profetas, que foram alavancas vivas de esperança para o povo israelita.

O cap. 11, pastoralmente, é significativo, porque nele encontramos elementos que podem ajudar a fortalecer o relacionamento entre os obreiros da Palavra. Nesse texto o profeta nos desperta para percebermos os traços maternos e paternos de um Deus que ama a todos de verdade. Pois seu coração é um coração que se contorce em favor de seu povo (11,8). Quando qualquer povo tem consciência de um Deus assim, certamente as barreiras mentais podem ser superadas pela força do amor que liberta e gera comunhão.

O texto sobre o qual estamos mergulhados pode ajudar, na vida pastoral, as lideranças de comunidades a desenvolverem a dimensão afetiva nas relações pessoais; pode ainda fortalecer o relacionamento de amor fraterno, de amizade, de comunhão e participação entre irmãos e irmãs de caminhada na mesma fé. Esse relacionamento é fundamental para que a consciência de cidadania não seja apenas uma utopia ideológica, mas uma prática diária de cooperação entre os cidadãos. Se tal consciência for uma realidade vital, com certeza não haverá espaço de competição separativa. Onde há separatividade há espírito de competição que gera sofrimento e perda de dignidade. Para evitar esse clima fatal, em suas comunidades, o apóstolo Paulo sempre nos diz que, por ternura e compaixão, os irmãos estejam de acordo uns com os outros, no mesmo sentimento, no mesmo amor, numa só alma, num mesmo pensamento, em vista da unidade e da comunhão entre todos (cf. Fl 2,1-2).

A dificuldade de muitas lideranças nas comunidades reflete, em parte, essa questão afetiva e ainda as barreiras mentais que se expressam através de preconceitos, individualismo, julgamento e condenação uns dos outros. Isso atrapalha qualquer projeto de cidadania no mundo atual. Para desenvolver sempre mais o senso de cidadania hoje é indispensável que cada indivíduo – que traz dentro de si a sociedade – tenha “uma atenção alerta, vigilante e inteligente”, diz Krishnamurti⁹. Segundo ele, “esse estado de inteligência” é fundamental para que floresça, no coração de cada ser humano, o amor que é comunhão e beleza nas relações humanas.

Nesse mesmo espírito, vale a pena citar aqui um dos belos pensamentos do apóstolo Paulo quando ele afirma: “Deus me é testemunha de que eu vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus”. Em seguida ainda exorta a todos dizendo: “que o vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e sensibilidade” (cf. Fl 1,8-9). Sem esse conhecimento e sensibilidade torna-se difícil um exercício pleno da cidadania no mundo de hoje. Creio que o pensamento do profeta Oséias, expresso no cap. 11, reflete essa dimensão de sensibilidade sobre a qual nos fala, sabiamente, o apóstolo Paulo.

Além de nos ajudar em relação à afetividade e sensibilidade entre amigos e amigas, o texto de Oséias nos faz colocar os pés no chão da vida, da história, para perce-

9. Cf. *Sobre o amor e a solidão*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 63.

bermos o que Deus tem a nos dizer hoje, a partir da realidade dos pobres do nosso continente empobrecido. Ao fazermos uso do livro de Oséias, em nossas comunidades, esse livro precisa ser lido não somente com os olhos, mas com mente aberta, coração humilde e apaixonado. Segundo Milton Schwantes¹⁰, o “gostoso mesmo é ler com os olhos, coração e pés. Pelos olhos o texto brilha, fásca. Pelo coração vai junto a oração. A celebração clareia os olhos. E pelos pés entra a prática. Daí dá rumo”. Sem esse rumo não pode haver vida em abundância para todos (11,11; cf. Jo 10,10).

Conclusão

Como profeta do amor e da esperança, Oséias sente-se responsável pela causa de seu povo. Assinalamos que o forte de sua profecia é o ataque direto à religião de Baal, deus da fertilidade, em Canaã. Para ele, a maneira como se vive essa religião é uma das causas de destruição do seu povo porque nela há um sistema que explora e aliena. Esta alienação acontecia no momento do recolhimento do tributo, em torno da eira. Aí a religião estava bastante viva e tinha sua base de sustentação. Nela celebrava-se a abundância da colheita e processava-se o recolhimento do tributo.

No contexto do cap. 11, o profeta nos mostra seu povo iludido com essa religião (v. 2.7). Vimos que, para Oséias, a religião de Baal não salva nem liberta, como ainda muitas religiões de hoje. O que pode acontecer é alienação e perdição do povo. Isto acontece quando este vive desligado de sua fonte vital, o Deus vivo libertador. Percebemos que, mesmo sentindo-se renegado pelo seu próprio povo, *o Santo de Israel* (Is 41,14; 43,14), que vive no meio dele, não desiste de manter seu amor e fidelidade por esse povo santo e pecador.

Se hoje Israel ainda existe, como nós também, deve-se à santidade de Deus, porque nela está a sua e a nossa liberdade e salvação. No Deus vivo e livre, o povo de Israel e a humanidade hoje têm seu futuro garantido. Depois da correção merecida na história, por sua infidelidade e ingratidão, Israel ainda tem chance de experimentar o amor e a misericórdia de Deus, em forma de perdão.

Anotamos que a profecia de Oséias está enraizada nas tradições do êxodo e, a partir delas, o profeta reflete o momento presente em vista do futuro do povo. O futuro de qualquer povo está sempre chegando e abrindo-se em horizontes no presente. Se no presente o povo não se corrige de seus erros cometidos no passado, não há dúvida de que o seu futuro apresenta-se ameaçado. Sem autocorreção constante e dinamismo vitalizante a esperança não pode florescer.

Em sua profecia Oséias projeta o futuro de uma sociedade com características tribais. Ele acredita na vitalidade do sistema tribal. Seu sonho é o tribalismo restaurado onde *os filhos do Deus vivo* tenham vida e liberdade (2,2; 11,11). Para o profeta do amor e da esperança, o sistema tribal viabilizará vida e prosperidade (bênção) para os filhos de Israel e de Judá, o que não estava acontecendo no sistema monárquico.

10. Cf. apostila *Meu coração se contorce – Em companhia de Oséias*.

Concluindo este artigo, para mim ficou claro que o profeta Oséias é um profeta genial e criativo no seu pensar teológico. Por sua experiência de fé no Santo de Israel, ele expressou uma profunda definição de Deus que é amor (2,13; 6,6; 11,4.8b). Tal definição foi retomada e ampliada no Segundo Testamento onde está dito que *Deus é Amor* (1Jo 4,7-11).

Finalmente, no cap. 11 o profeta Oséias revela sabiamente o amor e a santidade de Deus, que alimentam a mística da esperança do povo, em todos os tempos. Oséias, cujo nome é uma mensagem de “salvação”, celebra a esperança de um novo futuro. Ele nos convoca a viver nela e por ela, sem medo de errar. Pois é errando e corrigindo que aprendemos a ser gente e povo vivo, santo e livre no palco da história existencial.

Assim, na certeza de que “a esperança vence o medo” e o amor vence a discriminação, podemos caminhar juntos como irmãos, lado a lado, de igual para igual, numa relação de comunhão sem fronteiras. Eis o desafio para a nossa fé num mundo em que o espírito de globalização tende a destruir cada vez mais os valores de comunhão, de amor e esperança. Mas esse desafio é significativo porque é ele que faz despertar em todos nós o senso de corresponsabilidade e solidariedade para com todos os seres humanos que habitam na face da Terra do Deus vivo. Nesta imensa Terra de milhões de maravilhas, somos indivíduos, somos sociedade, somos humanidade e somos todos irmãos e irmãs! Este senso de interligação é que nos torna alertas, vigilantes, inteligentes para vivermos unidos, em comunhão e participação sem fronteiras. Pois onde há amor, comunhão e esperança o nosso Deus vivo, santo e livre conosco está eternamente.

Bibliografia consultada

MEJIA, J. *Una lectura del Profeta Oseas*. Buenos Aires: Patria Grande [Ediciones de la Facultad de Teología de la UCA].

SAMPAIO, T.M.V. A desmistificação e o resgate da dignidade da vida em Oséias. *Ribla*, n. 8. Petrópolis: Vozes, 1991/1, p. 72-74.

SCHWANTES, M. *Meu coração se contorce – Em companhia de Oséias* [apostila].

VV.AA. *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 69-73.

— *Os profetas e os Livros Proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 75-79.

Bíblia do Peregrino

Bíblia de Jerusalém

Bíblia dos Capuchinhos

Bíblia Vozes

A Bíblia Anotada

Bíblia TEB

Bíblia Sagrada CNBB

Anízio Freire
Caixa Postal 21
53001-970 Olinda, PE